

# A reconstrução neoclássica de Santa Maria de Tavira

José Eduardo Horta Correia  
Universidade do Algarve

A colina genética de Tavira, para além de outras hipotéticas situações urbanísticas ou arquitectónicas anteriores hoje ainda mal conhecidas, fora sem dúvida dominada na época muçulmana pela mesquita maior, espaço sagrado, referente simbólico e elemento ordenador da cidade islâmica. Dela restará porventura, como único elemento material, no todo ou em parte, o minarete, actual torre do relógio.

Com esse dominante referente urbano a encontraram os cavaleiros de Santiago e assim a mantiveram através da tradicional refuncionalização dos espaços sagrados. A mesquita maior fora transformada em Matriz de Santa Maria, sob a invocação da Assunção como as principais igrejas da reconquista, nascendo então a divisão paroquial da cidade cristã nas duas freguesias de Santa Maria e Santiago esta só explicável pela transformação da mesquita menor.

A imagem da cidade manteve pois o seu principal referente icónico em posicionamento urbanístico e em visualização volumétrica, enquanto guardaria, real ou miticamente, como penhor dessa refuncionalização, as ossadas de Dom Paio Peres Correia e dos sete cavaleiros conquistadores.

Daqui terá nascido então a igreja gótica com cronologia ainda hoje controversa, de três naves, quatro tramos, cobertura de madeira a que correspondiam as três absides, duas das quais ainda existentes, tal como aliás a porta principal. E foi esta igreja gótica que recebeu durante os séculos XVI, XVII e XVIII as capelas adicionadas a norte, como o espaço manuelino de abóbada artesoadada da Capela dos Melos, revestida de azulejos seiscentistas, ou a Capela do Santíssimo de planta centralizada e cúpula hemisférica.

O terramoto de 1755 que, ao invés do que muitas vezes se encontra referido, poupou grandemente a cidade de Tavira, destruiu pelo contrário, todo o corpo da igreja de Santa Maria. Templo que arrastava, aliás uma ruína latente desde o século XVII, que o tremor de terra se limitou a consumir. Então a paróquia teve de ser transferida para a Misericórdia, aqui permanecendo até 1800.

Coube a D. Francisco Gomes do Avelar a tarefa de a reconstruir, refazendo assim um elemento fundador da imagem da cidade.

É sabido como este bispo iluminista empreendeu uma incansável acção de restauração espiritual e material da Diocese do Algarve que, percorrendo incansavelmente freguesia a freguesia, encontrou extremamente carenciada. O seu zelo apostólico sem limites manifestou-se, entre outros aspectos, pela construção e reconstrução de igrejas.

Em carta dirigida a seu confrade Padre Manuel Bonifácio Ferreira, como ele oratoriano das Necessidades, em 6 de Maio de 1800 escreve: “... vim a Tavira, cidade onde reside o governo civil, e vim a sagrar a Igreja Matriz, antiga mesquita; a qual agora se acabou de reparar com os dinheiros de sobras das cisas, e alguma esmola do pobre bispo, he obra do meu Fabri, Arquitecto que mandei vir de Itália, e agora ahi vive em grandeza: ficou magestosa. Agora em dia da Maternidade a consagrei a Deus á honra da Santíssima Maria, que era a sua invocação”.

Deste importante documento ressalto agora apenas dois tópicos:

O Bispo, cuja cultura ombreava com as dos maiores vultos do seu tempo, como o seu amigo Frei Manuel do Cenáculo, por exemplo, fazia-se eco ou de uma tradição local, ou de uma nova consciência histórica que despontava, de que este templo havia sido mesquita, circunstância que parece engrandecer o seu valor icónico.

O bispo, no único caso em que o faz explicitamente, afirma que a obra é da autoria de Fabri, arquitecto que mandara vir de Itália para a grande campanha de obras que empreendera na Diocese e de que são exemplos o Arco da Vila, o Seminário e a Misericórdia de Faro e que era então o Arquitecto principal da Corte.

Quem era este arquitecto?

Normalmente conhecido como um dos autores do Palácio da Ajuda, anda por vezes esquecida a sua obra no Algarve, sua primeira acção em Portugal.

Natural de Medicina, localidade vizinha a Bolonha, Francisco Xavier Fabri formara-se nesta cidade em Arquitectura na célebre Academia Clementina, onde também estudara Costa e Silva, o outro arquitecto da Ajuda. Os mestres bolonheses tinham já acolhido o neopaladianismo veneziano e inglês, superando-se a poética barroca, pelo que então se denominava “gosto antigo” e onde a clássica tratadística de Serlio, Palladio e Vignola, constituía instrumento indispensável de estudo.

Esta sua formação neoclássica estará na base do interesse pelas ruínas romanas, de que foi precursor em Portugal ao estudar o teatro romano de Lisboa. Como também no respeito pelas preexistências e na aceitação de valores vernaculares e da verdade dos materiais locais ao reconstruir as igrejas algarvias arruinadas.

No caso concreto de Tavira, Fabri, em vez de construir uma igreja nova, manteve o espaço existente, aproveitando ao máximo os diversos elementos arquitectónicos sobreviventes. Nisso foi coerente com os princípios de respeito pelo antigo, apanágio da sua formação, e com o programa episcopal de máxima contenção de despesas.

Mas, mantido aquilo que era possível manter, o arquitecto italiano desenha uma igreja outra. Uma “obra nova”, onde estão presentes todos os ingredientes e todos os tiques do neopaladianismo veneziano cultivado na Academia Clementina.

O novo/velho espaço organiza-se em 3 naves demarcadas por 4 tramos de arcos de volta inteira de intradorso fendido e enquadrados por pilastras toscanas de rigoroso

desenho de sabor serliano, cuja marcação se prolonga em balançada e expressiva cornija.

A cobertura de abóbada de berço com penetrações é sincopada ao ritmo dos tramos por janelas termas de inequívoca filiação paladiana, que iluminam generosamente a nave central. Outros idênticos vãos, mas com elaborado perfil perspectivado, iluminam as naves laterais com luz oblíqua. Naves, por seu turno, abobadadas, tramo a tramo, de modo autónomo e original, com marcação exterior de expressivos contrafortes em forma de aletas.

O conjunto do sistema de iluminação deste templo, marcado ainda pela janela da fachada da nave central, produz um requintado efeito de claro/escuro pondo em contraponto a luminosidade progressiva das naves laterais.

Expressando exteriormente a organização interior, a fachada é composta por três corpos: um principal mais elevado e correspondente à nave central, enquadrado por pilastras toscanas, rematado por frontão triangular rectilíneo encimado por urnas e dois laterais correspondentes às respectivas naves, que se articulam com a parte central por meio de aletas terminadas em pirâmides de gosto piranesiano, três janelas termas, naturalmente com alturas desfasadas, sublinham a triangulação resultante da estrutura interna.

Para o centro do rigoroso desenho desta fachada projectara-se uma porta adequada estilisticamente. Apesar de perdidas as peças desenhadas por Fabri, esta ficou reproduzida com a totalidade do alçado da igreja no retrato oficial do Bispo Avelar pintado por Joaquim Rasquilho. Versão simplificada desta, com rosetas no lugar das mísulas, foi a que Fabri efectivamente construiu do lado sul. Mas, contrariando o projecto inicial, o portal gótico manteve-se até aos nossos dias, facto digno de alguma reflexão. Se é certo que o arquitecto nutria um profundo respeito pelo antigo, não seria certamente um desenho ogival que mais sensibilizaria um espírito formado no neoclassicismo. Todavia, em consonância com o Bispo que, ao vituperar as destruições da Sé de Silves mostrara já uma sensibilidade precursoramente pré-romântica, ou por este influenciado, Fabri manteve o portal gótico, de que ainda não estará na moda gostar, mas que os vindouros considerariam uma peça notável do chamado gótico medicante português. De cronologia controversa, está embebido num corpo rectangular ao modo de gablete e apresenta quatro arquivoltas com finos colonelos de capitéis de recorte naturalista.

Se o exterior é ritmado cromaticamente pelo claro/escuro resultante do contraste entre as pilastras, molduras e frisos de pedra da região com o fundo branco da cal, o interior apresenta-se uniformemente de um branco resplandecente. Característica também derivada de Palladio cujos revestimentos de “*mattono*” muito se assemelhavam aos rebocos algarvios de cal. Feliz encontro mediterrânico de situações só teoricamente de origem oposta: uma requintadamente erudita, singelamente vernacular a outra.

De entre as muitas outras igrejas construídas ou reconstruídas pelo Bispo Avelar, apenas mencionarei duas, para pôr em confronto com as soluções de Fabri para Santa Maria de Tavira.

A Igreja de Alcantarilha, onde sobressai uma fachada muito marcada pelo corpo principal rematado por frontão com urnas e acompanhado por aletas e pirâmides como em Tavira. Procurando manter neste caso a essencialidade do espaço arquitectónico manuelino e a materialidade das três naves, só era possível, pela estreiteza das naves laterais, a solução da janela termal no corpo central.

A “Igreja Nova” em Aljezur, afastada da vila arruinada e onde se projectava edificar um novo núcleo urbano, constitui uma edificação inacabada e infelizmente deturpada. Apesar de ter sido inaugurada por D. Francisco Gomes com uma cobertura provisória de madeira, que ainda hoje se mantém, é descrita no Auto da Sagração como “*hum dos mais decentes e brilhantes templos deste bispado do Algarve*”, tendo para nós o acrescido interesse de ter sido o único templo criado “*ex-novo*”, pelo prelado iluminista.

No projecto original poderia ter duas torres, mas não a que hoje lá está, pelo menos no remate. Com planta em cruz latina, tendo por módulo o quadrado, amplo cruzeiro de três naves e três tramos, delimitados por pilastras toscanas, é tão paladiana como a de Tavira e enquadrada por um corpo central de risco semelhante. Pode seguir igualmente uma atenta leitura de Serlio, particularmente expressiva no desenho neobramantino das absides em que se resolvem os altares. É, aliás, um desenho semelhante ao que Fabri utilizou para o Baptistério de Santa Maria de Tavira, única capela inteiramente feita de raiz.

Em conclusão, sublinharei que os princípios que presidem à obra de Fabri no Algarve dizem respeito a dois tipos de situações, quase sempre simultâneas. A da reconstrução em que domina o respeito pelas preexistências e a aceitação das arquitecturas vernaculares e da construção de “obra nova” em que, respeitando embora os valores locais, se procura inovar de acordo com os esquemas formais do neopaladianismo.

É este o caso emblemático de Santa Maria na contenção formal, no respeito pelo legado de gerações anteriores, na austeridade, simplicidade e economia de meios, mas ao mesmo tempo na procura de uma monumentalidade não ostentatória, mas adequadamente funcional e operativa, segundo os princípios de um classicismo cuidadosamente revisitado e selectivamente lido. Por isso é entendida como a obra de excelência de D. Francisco Gomes, como o demonstra o facto de o seu retrato oficial, executado no ano da sua morte – 1816 – e de que existem inúmeras versões, o Bispo ser representado na pose oficial de “construtor de igrejas” apontando para o desenho de Santa Maria de Tavira, como síntese e símbolo de toda a sua obra de reconstrução espiritual e material da Diocese do Algarve, segundo os esquemas ideológicos do Iluminismo Católico.

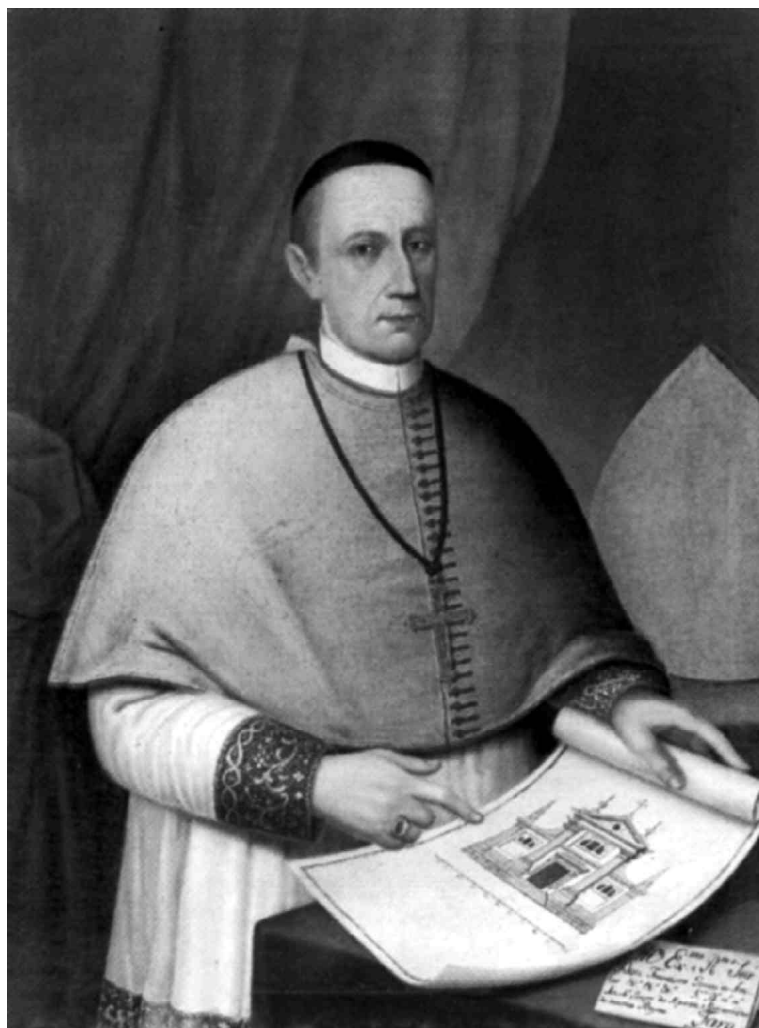


FIGURA 1. Retrato oficial de D. Francisco Gomes do Avelar.



FIGURA 2. Igreja de Santa Maria do Castelo de Tavira.